

O “Materialismo”¹ no pensamento de Tomás de Aquino

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduando em
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato
Grosso.

Introdução

É comum a objeção segundo a qual a moral que emana da teologia medieval resultaria de uma forma *antinatural* de ver o homem, e torna-se cada vez mais corriqueiro ouvir teólogos adotando essa preconceituosa antipatia pela moral cristão-medieval. Na verdade, o argumento mais forte que encontram aqueles que defendem essa ideia é dizer que a moral dos escolásticos é em demasia *espiritualista e desencarnada*. Desta espécie de “pré-conceito” é vítima inclusive Tomás de Aquino. De resto, tem-se tornado um lugar-comum dizer que o caminho para se construir uma moral sadia começa forçosamente pela superação do que eles chamam de *rigorismo medieval*. Porém, nada mais injusto do que chamar a concepção moral de Tomás de Aquino de *desencarnada* ou de se afirmar que Tomás *despreza* o corpo quando estuda o comportamento ético. Entretanto, para entendermos o quanto se equivocam aqueles que assim pensam, mister é compreendermos algumas notas da *antropologia tomasiana*. Mostrar como esta antropologia tomásica se distingue do dualismo platônico na teoria e na práxis do agir ético é o objeto precípua deste texto.

Procederemos assim: antes de tudo, mostraremos que a concepção que Tomás tem de homem, mediante o conceito de união substancial entre matéria e forma nas substâncias sensíveis, resgata o corpo como parte da natureza humana; em seguida, como para Tomás o agir segue o ser e o modo de agir o modo de ser, veremos que um homem, cujo ser constitui-se da união entre alma e corpo, não pode agir somente de acordo com a sua alma se quiser

¹ As aspas na expressão “materialismo” são fundamentais. É evidente que Tomás não é um materialista! Tampouco sua moral exprime-se em termos hedonistas. O uso de tal expressão tem por objetivo provocar a atenção do leitor. Quer apenas expressar que Tomás está desvinculado de uma moral fundada num espiritualismo exacerbado e na negação do corpo como parte da natureza humana.

agir eticamente; por fim, arrolaremos exemplos práticos de como Tomás aplica esta teoria na práxis.

A principal fonte da nossa abordagem será a *Summa Theologiae* de Tomás de Aquino, na sua mais recente tradução brasileira, empresa de fôlego das *Edições Loyola*, que resultou no aparecimento de nove volumes, entre os anos de 2001 a 2006.

Passemos a considerar o conceito de união substancial nas substâncias compostas de matéria e forma

1. A superação tomasiana do dualismo platônico

Primeiro, distingamos: *união accidental* de *união substancial*. A união accidental é aquela que se dá entre a substância e os seus acidentes. Nela, a união não passa da existência de uma entidade em outra. Já a união substancial consiste na composição de dois seres que, tomados separadamente, permanecem incompletos, mas que, unidos, completam-se, formando um só ser. Ora, a união substancial é a que se dá entre matéria e forma. É a união que se realiza entre alma e corpo.² Para Tomás, é em virtude desta união que o homem não pode ser simplesmente uma alma que se serve de um corpo ou coisa que o valha, como pensavam os platônicos.³ Tampouco se pode dizer, na concepção de Tomás, que o corpo seja como um cárcere para a alma. Sem embargo, na perspectiva tomásica, tal dualismo é inadmissível.

De fato, embora o corpo não entre enquanto tal na essência da alma, a alma existe para estar unida a um corpo. Assim sendo, é da essência da alma unir-se a um corpo.⁴ Na verdade, falando propriamente, nem mesmo se pode dizer que exista um corpo antes que a ele se una uma alma. O que existe antes de a alma unir-se ao corpo é um agregado de matéria sem nenhuma unidade, porque é a alma que dá forma ao que chamamos de corpo: um cadáver, por

² BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História Da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 468.

³ Aliás, Tomás conhecia bem a referida doutrina platônica. Neste sentido, vide: TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v. II, LVII, 3 (1329): “Para evitar isso, Platão afirmou que o homem não é composto de corpo e alma, mas que ele é a alma que se serve do corpo, assim como também Pedro não é algo composto de homem e vestes, mas um homem que se serve das vestes.” E ainda: *Idem. Ibidem*. II, LVII, 1 (1327): “Assim é que Platão e os seus sequazes afirmaram que a alma intelectual não se une ao corpo como a forma à matéria, mas só como o motor móvel, dizendo que a alma está no corpo como o marinheiro no navio.”

⁴ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Aimom - Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. I, 75, 7 ad. 3: “Deve-se dizer que o corpo não é da essência da alma, mas a alma, pela natureza de sua essência, é capaz de se unir ao corpo.”

exemplo, não é um corpo humano. É, pois, a alma que dá unidade a uma porção de matéria, fazendo com que esta se torne um corpo. Sendo assim, o homem não é a sua alma e nem o seu corpo, mas um ser uno que resulta da *união substancial* entre alma e corpo. Esta unidade entre corpo e alma é expressa com brilhantismo por Manuel Corrêa de Barros:

Vistas assim as coisas, não se põe o problema da união da alma e do corpo, que tantos sistemas filosóficos têm tentado resolver, sem resultado. A alma e o corpo não são dois seres distintos; são princípios distintos do mesmo ser. Não há dum lado a alma, do outro um corpo com existência separada da alma. Sem a alma, não há um corpo; há a matéria que compõe, ou vai compor, um corpo humano, mas dominada por outras formas, constituindo outras substâncias. Um cadáver não é um corpo humano; é um agregado acidental de células, sem unidade essencial. Cada uma das suas partes segue a sua evolução própria, independentemente das outras, sem se subordinar a nenhuma lei que regule o conjunto. É a alma o princípio de unidade do corpo humano; é elemento indispensável à sua existência como corpo; a da sua união ao corpo é questão que não existe.⁵

Passemos a considerar o agir ético, consoante ao ser do homem.

2. A moral é o ser do homem

Agora bem, toda moral tomasiana é construída a partir desta concepção de natureza humana, que Tomás propõe e que é bem diferente daquela que concebe o corpo como sendo um cárcere da alma. Na verdade, para Tomás, a *moral pressupõe o natural*.⁶ Sendo assim, a moral do homem – diz Tomás – é *o ser do homem*.⁷ Ora, como o homem não é a sua alma, *o agir do homem*, se quiser *seguir o seu ser*⁸, isto é, se quiser ser um agir propriamente humano, não poderá levar em conta apenas a alma. Um homem que quisesse viver como um anjo, na

⁵ BARROS, Manuel Corrêa De. **Lições de Filosofia Tomista**. Disponível em: <<http://www.microbookstudio.com/mcbarros.htm>>. Acesso em: 13/07/2006.

⁶ TOMÁS DE AQUINO. **Corr. Frat.** I ad 5. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006. p. 104: “Naturalia praesupponuntur moralibus.”

⁷ *Idem*. **Suma Teológica**. I-II, 21, ad 2. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006. p. 19: “Quando porém se trata da moral, a ação humana é vista como afetando não a um aspecto particular mas à totalidade do ser do homem... ela diz respeito ao que se é enquanto homem.”

⁸ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Contra os Gentios**. III, LXIX, 10(2450): “(...) o agir segue o ser em ato (...)”. (Agere sequitur ad esse in actu). E ainda: *Idem*. **Suma Teológica**. I, 89, 1, C: “(...) o modo de agir de toda coisa é uma consequência de seu modo de existir.”; TOMÁS DE AQUINO. **De Substantiis Separatis**. 7, 16. In: MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia 1**. Trad. Benôni Lemos. Rev. João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulus, 1982. p. 175: “O ser é o fim último de toda ação.”

concepção de Tomás, longe de se tornar um “anjo” ou um “santo”, só alcançaria deméritos e tornar-se-ia digno de reprovação, não de louvor. Neste sentido, Lauand, tomasiano de renome, é muito feliz ao enunciar a proposta da ética tomásica:

É, pois, ao homem que se dirige a ética de Tomás; ao homem total, espírito em *intrínseca* união com a matéria (...) ⁹ De resto, nada mais alheio ao pensamento de Tomás do que uma incomunicação entre espírito e matéria. O que Tomás, sim, afirma é o homem total, com a *intrínseca* união espírito-matéria, pois a alma, para o Aquinate é *forma*, ordenada para a *intrínseca* união com a matéria. ¹⁰

Passemos a analisar algumas aplicações dos princípios da ética tomásica na práxis.

3. Algumas aplicações do “materialismo” tomasiano

3.1. “Receita” contra a tristeza: banho e sono

Ora, a partir desta concepção de natureza humana, Tomás aconselha, como um “santo” remédio contra a tristeza: um banho ou um “cochilo” ¹¹. Neste sentido, é incrível ver um santo, que viveu no distante século XIII e que tinha hábitos monásticos, preocupar-se: não com Deus ¹² ou com Satã, nem recomendar jejuns, orações ou autoflagelações, mas banho, sono, amigos ¹³, sorrisos ¹⁴ e estudos como sendo “santos” remédios contra a tristeza. ¹⁵ Aliás, quando

⁹ LAUAND, Luiz Jean. **A Filosofia da Educação no Novo Catecismo Católico**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: Esdc, 2006. p. 113.

¹⁰ LAUAND, Luiz Jean. **O Pecado Capital da Acídia na Análise de Tomás de Aquino**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: Esdc, 2006. p. 56.

¹¹ O opositor levanta a seguinte objeção: TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. I-II, 38, 5, 1: “Com efeito, a tristeza se localiza na alma. Ora, o sono e o banho pertencem ao corpo. Logo, nada podem fazer para aliviar a tristeza.” Ora, a esta sentença, tipicamente dualista, Tomás responde: *Idem. Ibidem*. I-II, 38, 5, ad 1: “Portanto, deve-se dizer que a devida disposição do corpo, enquanto é sentida, causa prazer e conseqüentemente alivia a tristeza.” Já no *Sed Contra*, cede palavra a Agostinho, que irá aludir ao fato de que o corpo e os prazeres que se referem a ele, estão em íntima relação com o bem-estar da alma: *Idem. Ibidem*. I-II, 38, 5, SC: “Agostinho diz: ‘Eu ouvia dizer que a palavra banho vem de que expulsa a ansiedade da alma.’ E mais adiante: ‘Dormi e acordei e me encontrei que boa parte de minha dor estava aliviada.’”

¹² Ao tratar daqueles que fazem os *votos sagrados*, o Aquinate dá uma *sentença* bastante realista e confirma o que dissemos acima: *Idem. Suma Contra os Gentios*. III, CXXXVIII, 5 (3126) “(...) Não é necessário que quem buscou um caminho por causa de Deus, pense em Deus durante toda a caminhada.”

trata da *acídia*, que assalta os monges ao meio-dia, “culpa” o jejum deles como um dos responsáveis por ela. Na verdade, para o *Boi Mudo da Sicília*, toda fraqueza corporal predispõe à tristeza:

Assim, toda deficiência corporal, por si mesma, dispõe à tristeza; por isso os que jejuam, quando, pelo meio-dia, começam a sentir a falta do alimento e são fustigados pelo ardor do sol, sofrem mais os assaltos da *acídia*.¹⁶

Ainda sobre o jejum, Tomás acusa de pecado aqueles que o fazem a ponto de, por causa dele, deixarem de fazer o que lhes é devido. Não é louvável que um pregador jejue a ponto de não poder mais pregar; nem é reto que um professor falte à aula ou a dê sem esmero devido a uma fraqueza ocasionada pelo jejum; tampouco é virtuoso o cantor que falte ao coral por se sentir demasiado fraco em virtude de algum sacrifício que tenha feito; que pensar então do marido – senão reprová-lo – se passa a sofrer de “impotência sexual” devido ao jejum?:

Tomás é tão “materialista”, que nas questões de *Quodlibet*, tratando do jejum, dirá que o jejum é sem dúvida um pecado (*absque dubio peccat*), quando debilita a natureza a ponto de impedir as ações devidas: que o pregador pregue, que o professor ensine, que o cantor cante... que o marido tenha potência sexual para atender sua esposa!

¹³ Saber-se amado é o que alivia a tristeza, porque causa prazer. Ora, sabemos que somos amados por nossos amigos, quando percebemos que eles se entristecem conosco, isto é, quando se compadecem de nós: *Idem. Suma Teológica*. I—II, 38, 3, C: “(...) A segunda razão, a melhor, é que pelo fato de os amigos se entristecerem com ele, percebe que ele é amado por eles, o que é deleitável, como se disse. Portanto, já que todo prazer alivia a tristeza, como também se disse acima, segue-se que o amigo compassivo alivia a tristeza.”

¹⁴ *Idem. Ibidem*. I-II, 38, 2, ad 1: “Por isso, os risos e outros efeitos da alegria aumentam (...)”. Além disso, Tomás indica que o choro e os gemidos, ações próprias dos que estão tristes, podem aliviar a tristeza. De fato, Frei Tomás acreditava que seguir os atos próprios do momento como rir quando se está alegre, chorar quando se está triste ou gemer quando se está doente, é sempre agradável: *Idem. Ibidem*. I-II, 38, 2, C: “Porque a ação que convém ao homem segundo sua disposição do momento é sempre agradável. O choro e os gemidos são ações que convêm aos que estão tristes ou doentes. Como todo prazer alivia a tristeza ou dor de certo modo, como foi dito, segue-se que pelo choro e pelos gemidos se alivia a tristeza.”

¹⁵ LAUAND. *O Pecado Capital da Acídia na Análise de Tomás de Aquino*. In: LAUAND, Luiz Jean. *Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino*. São Paulo: Esdc, 2006. p. 56: “De resto, para os remédios contra a tristeza, Tomás não fala de Deus nem de Satã, mas sim recomenda: qualquer tipo de prazer, as lágrimas, a solidariedade dos amigos, a contemplação da verdade, banho e sono.” Ouçamos o próprio Aquinate: TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I-II, 38, 1, C: “Então, como qualquer repouso do corpo traz remédio a qualquer fadiga, provinda de qualquer causa natural ou não, assim também qualquer prazer é remédio que alivia qualquer tristeza, seja qual for a sua origem.” Com efeito, Frei Tomás parece se adiantar aos nossos psicólogos e médicos em geral, ao descobrir a existência das doenças “psicossomáticas”! E a mais terrível delas, para o Frade de Rocassecca, é a tristeza: embora sendo uma *paixão da alma*, é ela que causa mais dano ao *corpo*: *Idem. Ibidem*. I-II, 37, 4, C: “A tristeza, entre todas as paixões da alma, é a mais nociva ao corpo.”

¹⁶ *Idem. Ibidem*. II-II, 35, 1, C.

Quem assim se abstém de comer ou de dormir, oferece a Deus um holocausto, fruto de um roubo.¹⁷

3.2. O vício da insensibilidade

Quando fala do *vício da insensibilidade*, Tomás chega a ser surpreendente em algumas afirmações. Diz ele: como o uso da razão depende das potências sensitivas, o homem deve, com a finalidade de poder fazer melhor uso da sua racionalidade, cuidar bem do seu corpo. Ora, o sustento do corpo não ocorre sem atos que provocam prazer. Logo, a mortificação de todos os prazeres é um vício contra o bem da razão:

Deve-se dizer que como não pode o homem usar a razão sem recorrer às potências sensitivas, que precisam dos órgãos corpóreos, conforme se estabeleceu na I Parte, segue-se daí a necessidade de que ele sustente o seu corpo para poder se servir da razão. Ora, esse sustento realiza-se mediante ações que proporcionam prazer. Não pode então existir o bem da razão no homem, se ele se abster de todos os prazeres.¹⁸

Assim sendo, alguém só deve abster-se de certos prazeres – comida, bebida, sexo – na medida em que isto não prejudique a sua saúde e tenha em vista um fim mais alto, por exemplo, a contemplação da verdade.¹⁹ Entretanto, aqueles que, chamados ao matrimônio, deliberadamente e sem motivo proporcional, deixam de procriar, simplesmente porque desprezam o prazer dos alimentos ou do sexo, cometem um ato vicioso: “Ao contrário, tal atitude não seria elogiável naqueles cujo dever é dedicar-se às atividades corporais e à procriação”²⁰.

¹⁷ LAUAND. **O Pecado Capital da Acídia na Análise de Tomás de Aquino**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: Esdc, 2006. p. 68.

¹⁸ TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. II-II, 142, 1, ad 2. Tomás chega a dizer que não se privar de certos prazeres – alimento, bebida, etc – é uma exigência da natureza humana, na medida em que estes e outros atos *são* necessários para manter a saúde do homem. Desta maneira, abster-se do prazer necessário para o sustento da vida é um ato contra a razão e, por conseguinte, vicioso. *Idem. Ibidem*. II-II, 142, 1, C: “Tudo o que contraria a ordem natural é vicioso. Ora, a natureza ajuntou o prazer às necessidades necessárias à vida do homem. (...) Portanto, pecaria quem evitasse os prazeres sensíveis a ponto de desprezar o que é necessário à conservação da natureza, contrariando assim a ordem natural. Nisto consiste o vício da insensibilidade.”

¹⁹ *Idem. Ibidem*. II-II, 142, 1, ad 2: “Por isso, os que assumiram o compromisso de se dar à contemplação e de transmitir aos outros o bem do espírito, por uma propagação espiritual, se abstêm de muitos prazeres (Não de todos!) e nisto merecem aplausos.” (O parêntese é nosso).

²⁰ *Idem. Ibidem*.

Um eventual contraditor da tese de Tomás poderia afirmar que todo prazer é um mal. Poderia até mesmo citar Jerônimo, dizendo que mesmo ao profeta que só se relaciona para a procriação, durante o ato conjugal, não é dado gozar da presença do Espírito Santo.²¹ Além disso, poderia ainda advertir que, como o bem do homem é agir segundo a razão e quanto maior o prazer menor o uso da razão, é claro que todo prazer é um mal.²² Todavia, Tomás – no seu *antirracionalismo* – responderia a esta objeção da seguinte forma: a própria razão exige que o seu uso seja interrompido de quando em quando. Se o sexo dentro do casamento fosse pecaminoso só porque impede, por algum tempo, o uso da razão, também teríamos que dizer que dormir é um pecado, pois durante o sono o uso da razão também é interrompido. Por conseguinte, por mais paradoxal que possa parecer, estão de acordo com a razão também aqueles atos que, de vez em quando, interrompem a sua atividade:

(...) O prazer do ato conjugal, embora se dê em algo que está conforme à razão, impede o exercício dela, por causa da mudança corporal que o acompanha. Mas, nem por isso segue uma malícia moral, como no sono, que impede o exercício da razão, e não é moralmente mau, se for tomado de acordo com a razão: *pois a própria razão tem como próprio que o seu uso seja interrompido de vez em quando.*²³

3.3. A embriaguez

Ao abordar o sugestivo tema da moralidade ou não da embriaguez, Tomás não é menos corajoso. Diz que o estado de embriaguez pode até mesmo ser preferível ao de sobriedade, ao menos para aquele que está impregnado por muitos “maus hábitos”, visto que é pior *agir contra a razão*, que é o caso do vicioso, do que *agir simplesmente irracionalmente*, como se dá com o bêbado:

Ora, o que se opõe à razão é mais grave do que aquilo que, momentaneamente, priva do uso dela, pois o uso da razão, que a embriaguez suprime, pode ser bom ou mau, ao passo que os bens das

²¹ *Idem. Ibidem.* I-II, 34, 1: “E Jerônimo escreve também que ‘no momento do ato conjugal não se dá a presença do Espírito Santo, mesmo que se trate de um profeta que cumpre seu dever de procriar.’”

²² *Idem. Ibidem:* “(...) Porque o bem do homem consiste ‘em ser segundo a razão’, como diz Dionísio. Ora, o prazer corrompe a prudência, impede o uso da razão; e tanto mais quanto maiores são os prazeres (...).”

²³ *Idem. Ibidem.* I-II, 34, 1, C. (O itálico é nosso).

virtudes, que são eliminados pelo que contraria a razão, são sempre bons.²⁴

E há mais: aquele que peca bêbado pode até mesmo ficar isento de culpa pelo que praticou neste estado, se ao menos não se tiver *embriagado culposamente*. É o caso de Lot: “(...) se do ato precedente resultou a embriaguez sem pecado, então o pecado subsequente fica totalmente escusado de culpa, como aconteceu, provavelmente, com Lot (...)”²⁵. De forma que a embriaguez é um pecado somente quando se tem a *intenção* de se embriagar. Assim, Noé não pecou ao embriagar-se, pois não bebeu com esta intenção. Na verdade, para Tomás, foi a força do vinho e um erro de “avaliação” que causaram a sua embriaguez...:

Segundo, a embriaguez pode designar o ato pelo qual se cai neste estado, que pode causar a embriaguez de duas maneiras. Primeiro, pela excessiva força do vinho, não obstante a opinião de quem o bebe. *E aí a embriaguez pode acontecer sem pecado, máxime se não for por negligência humana, como parece ter acontecido com Noé, conforme se lê no livro do Gênesis.*²⁶

3.4. *Adultério, prostíbulo e moral familiar*

Outro exemplo sugestivo do realismo tomasiano. Quando observa que os governantes devem tolerar certos males, posto que tentar suprimi-los seria dar vazão à prática de outros maiores, o Aquinate não encontra melhor exemplo do que o fato de certos governantes terem que *tolerar os prostíbulos* em vista de conter *assédios libidinosos* maiores, como o *adultério* ou o *estupro*. E como costumava fazer frequentemente, Tomás persuade os leitores mais inquietos, passando a “responsabilidade” da sentença final a Agostinho, deveras, a maior autoridade da época:

Assim também no governo humano: os que governam toleram, com razão, certos males, para que alguns bens não sejam impedidos ou, não

²⁴ *Idem. Ibidem.* II-II, 150, 3, ad 2.

²⁵ *Idem. Ibidem.* II-II, 150, 4, C. Tomás chega a abonar nesta mesma questão a seguinte sentença de Agostinho: “Lot culpandus est non quantum ille incestus, sed quantum ebrietas meruit. (Lot deve ser julgado pecador não pelo incesto, mas pela embriaguez).” (O parêntese é nosso). É que, para Tomás, ainda que a embriaguez tivesse sido culposa, o ato que procedesse dela ficaria atenuado por não ser voluntário enquanto tal.

²⁶ *Idem. Ibidem.* II-II, 150,1, C. (O itálico é nosso).

sucedam males piores, como diz Agostinho: “Suprime as meretrizes da sociedade humana e perturbarás tudo com a libidinagem.”²⁷

Até as questões mais *privadas* não lhe escapam. É lícito que a mulher se enfeite para o marido? Frei Tomás, bem distante de certo *moralismo* da sua época, crê que a mulher deve agradar ao seu marido, até para evitar que ele, desprezando-a, caia em *adultério*. Por isso, diz ele: “No entanto, pode a mulher, lícitamente, empenhar-se por agradar ao marido, para evitar que ele, desdenhando-a, venha a cair em adultério”²⁸. Segundo Tomás, a mulher pode se cuidar sem cair na vaidade, pois uma coisa é querer exhibir uma beleza que não se tem e outra, bem diversa, é tentar esconder algum defeito, poeira da idade ou consequência de alguma doença:

Importa, contudo, considerar que não é a mesma coisa fingir uma beleza que não se tem e esconder um defeito proveniente de alguma causa, como uma doença ou outra coisa qualquer.²⁹

Desta maneira, errado seria pensar que a mulher se deva vestir com trajes masculinos ou vice-versa: “Por isso, é, em si mesmo, pecaminoso uma mulher usar trajes masculinos e vice-versa (...)”³⁰. Por isso, não pecam aqueles que se dedicam a produzir produtos de beleza para as mulheres, a não ser que haja exageros: “(...) segue-se que os fabricantes de tais produtos não pecam exercendo esse mister, salvo se vierem a inventar novidades exageradas e estranhas”³¹.

Passemos às considerações finais.

Conclusão

Para Tomás, “(...) o homem é uma realidade dual (não dualista), composta de corpo e alma – duas substâncias incompletas em si mesmas e que só se completam quando unidas”³².

²⁷ *Idem. Ibidem.* II-II, 10, 11, C.

²⁸ *Idem. Ibidem.* II-II, 169, 2, C.

²⁹ *Idem. Ibidem.* II-II, 169, 2, ad 2.

³⁰ *Idem. Ibidem.* II-II, 169, 2, ad 3.

³¹ *Idem. Ibidem.* II-II, 169, 2, ad 4.

Destarte, na concepção do Aquinate, o homem não é a sua alma, mas um ser que resulta da união substancial entre corpo e alma. Agora bem, como o agir segue o ser e o modo de agir o modo de ser, tem-se que a ética tomásica não pode fundar-se somente na consideração da alma, mas deve dimanar de uma conjugação sinérgica entre alma e corpo, a fim de poder proporcionar uma harmonia perfeita na qual o bem do corpo seja preservado e conducente ao bem da alma. Portanto, em Tomás, não há lugar para uma moral desencarnada.

³² FAITANIN, Paulo. **O mal, perda do bem**. In: TOMÁS DE AQUINO. **Sobre o Mal**. Trad. Carlos Ancêde Nougé. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005. p. 29.

BIBLIOGRAFIA

BARROS, Manuel Corrêa De. **Lições de Filosofia Tomista**. Disponível em: <<http://www.microbookstudio.com/mcbarros.htm>>. Acesso em: 13/07/2006.

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História Da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7^a ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 468.

FAITANIN, Paulo. **O mal, perda do bem**. In: TOMÁS DE AQUINO. **Sobre o Mal**. Trad. Carlos Ancêde Nougé. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005.

LAUAND, Luiz Jean. **O Pecado Capital da Acídia na Análise de Tomás de Aquino**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: Esdc, 2006.

_____. **A Filosofia da Educação no Novo Catecismo Católico**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: Esdc, 2006.

TOMÁS DE AQUINO. **Corr. Frat**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006.

_____. **De Substantiis Separatis**. In: MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia 1**. Trad. Benôni Lemos. Rev: João Bosco de Lavor Medeiros. São Paulo: Paulus, 1982.

_____. **Suma Contra os Gentios**. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996. 2 v.

_____. **Suma Teológica**. Trad. Aimom - Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.